
Brumadinho além da lama: imagem e relação de pertencimento da população atingida com o território em contexto pós-desastre-crime¹

Ana Patricia Barbosa de Sousa²
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

O presente trabalho, em fase de elaboração³, pretende investigar a relação da imagem no processo de territorialização da população atingida pelo rompimento da barragem da Vale em Brumadinho, MG. A memória é apresentada como um elemento importante para construção de identidade e coesão diante das mudanças, causadas por desastres, evidenciando a importância da fotografia como meio de fortalecimento da identidade e da territorialidade. Com a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011), a pesquisa buscará compreender como a imagem pode fortalecer o sentimento de pertencimento da população atingida com o território.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem; Território; População Atingida; Memória.

INTRODUÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Com o desastre do rompimento da barragem da Mina Córrego do Feijão da empresa Vale S.A na cidade de Brumadinho, Minas Gerais, ocorrido em 2019, as notícias sobre Brumadinho em diversos veículos de comunicação estão relacionadas ao desastre do rompimento da barragem, provocando incômodos à população atingida, causando com isso uma reatualização dos danos na medida em que a cidade passou a ser estigmatizada pelos impactos gerados pelo rompimento.

A atividade minerária tendo o rompimento de barragem como o ápice da violação de direitos está relacionada com o modelo de desenvolvimento baseado no lucro e na acumulação de capital por parte de grandes empresas. Gerando com isso, não somente a destruição como a apropriação da natureza, a exploração dos bens naturais e dos trabalhadores e trabalhadoras, sem pensar nas vidas ceifadas ou alteradas de forma negativa em função do lucro. Além disso, provoca à expulsão e consequente

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, PPGCOM-UFMG, e-mail: apatriciasousa33@gmail.com.

³ O presente trabalho está em fase de elaboração, constituindo projeto de tese da autora com orientação do prof. Dr. Camilo de Oliveira Aggio.

desterritorialização da população atingida de suas casas, seu núcleo familiar, seus laços afetivos, suas tradições, seus modos de vida, seu bairro/comunidade e cidade.

Tratamos nesta pesquisa o conceito de território não somente como recurso, mas em sua dimensão simbólica, neste contexto a memória é compreendida como um meio de garantia de sustentação da identidade e permanência dos indivíduos no território, tendo a fotografia como sua “aliada”. A fotografia é evidenciada como um meio de apropriação do indivíduo acerca de sua realidade, fortalecendo os vínculos antes fragilizados pelo trauma do desastre e dos impactos da atividade minerária predatória.

Nesse sentido da dimensão simbólica, podemos tratar aqui da noção de territorialidade colocada por Haesbaert (2010) que seria a “dimensão imaterial” e “simbólica” do território. Inclusive, o território pode não existir ainda de forma concreta, mas a territorialidade pode existir como uma representação, como uma “imagem” do que pode vir a ser, ou do que está sendo, portanto, para que o território exista é preciso haver a territorialidade. O autor reforça ainda que, além de compreender a territorialidade enquanto dimensão, há também o entendimento dela enquanto “condição” para existência da relação território.

Em territórios atingidos ocorre com certos grupos sociais o processo de deslocamento forçado de um território para outro. De forma simultânea, há um processo de desterritorialização sem o deslocamento em seu sentido literal, o deslocamento cultural, que configura as mudanças de costumes, tradições, valores e modos de vida.

Esses fatores os transformam em migrantes do próprio território a que pertencem, precisando criar novas experiências e uma “terceira via” de entendimento do próprio território, onde agora o “novo território” obriga a viver novas experiências para criar uma nova memória, onde aos poucos vai absorvendo conhecimentos novos, mas ainda de forma fragmentada. (SANTOS, 2006).

É neste sentido que podemos afirmar que a memória se torna um meio de garantir a coesão para permanência e para a elaboração do futuro (SANTOS, 2006), ou seja, a memória é importante para garantir o sentimento de relação de pertencimento dos indivíduos em seus grupos e em seus territórios, ou seja, de sua territorialidade.

Nossas lembranças são como uma “costura dos retalhos” de recordações dos nossos antepassados.

As lembranças grupais se apoiam umas nas outras formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal. [...] É preciso estar

sempre confrontando, comunicando e recebendo impressões para que nossas lembranças ganhem consistência (BOSI, 1994, p.414).

É essa “consistência” que torna a memória o “elemento de coesão garantidor de permanência” apontada por Milton Santos (2006, p. 223), ou seja, a memória constitui um elemento de continuidade de uma cultura e de identidade de um território. A construção da identidade se dá na construção dos sujeitos com diversas realidades, a busca pela identidade se realiza pela rememoração do passado para os indivíduos se situarem no mundo. E essa rememoração se dá pelas memórias coletivas e individuais que podem se confundir nos sentimentos, fatos, interesses e as próprias relações de poder do que se quer ser esquecido e lembrado.

Nessa perspectiva a fotografia como um meio de manutenção ou de criação para novas memórias é possível inferir sobre sua importância no processo de territorialização dos indivíduos em contextos de desastres, onde muitas destas memórias foram apagadas ou alteradas pelos impactos do rompimento e pelo próprio trauma em si. Os eventos, neste caso, citamos os desastres-crime de rompimento de barragem, podem apagar os conhecimentos e saberes já existentes exigindo com isso a apreensão e criação de novos saberes. (SANTOS, 2006, p. 223).

Neste sentido, é possível inferir sobre uma das características da imagem, que é a construção e reconstrução da memória coletiva e social na medida em que possibilita evidenciar um fato, acontecimento, costumes e tradições. A fotografia “é uma parte e uma extensão daquele tema; e um meio poderoso de adquiri-lo, de ganhar controle sobre ele. Fotos fornecem formas simuladas de posse: do passado, do presente e até do futuro.” (SONTAG, 2004, p. 172, 183).

Portanto, é possível compreender a fotografia como um meio de apropriação sócio-histórica pelos sujeitos dos fatos registrados na imagem, proporcionando o sentimento de pertencimento, para assim dar continuidade às suas tradições, acompanhando suas vivências, que representam histórias e reproduzem memórias. Isto posto, a produção de imagens em processo de territorialização pode ser um insumo, seja como recurso, seja como um meio de apreensão e compreensão acerca da realidade, de construção de ideias ou ideais, ou como uma forma de apropriação dos sujeitos da própria história fortalecendo o sentimento de identidade e de vínculos afetivos.

Neste sentido, adota-se como pressuposto conceitual para este estudo que “a fotografia é uma imagem narrativa, aliada à memória, com seus personagens e cenários”

e que “a imagem fotográfica em sua estética concreta materializa a memória e em contrapartida cede espaço a subjetividade de interpretações do momento registrado” (ROMANOVSKY, 2009, p. 362).

Salientamos a importância da imagem como registro de fatos e acontecimentos que marcaram a história de um povo, como no caso do rompimento da barragem, para que não sejam esquecidos. Permitindo, com isso, que a população continue lutando pelos direitos que foram violados e pela reparação integral dos danos. Mas o que existe além da lama de rejeito em Brumadinho? Quais as práticas sociais que resistem à expulsão e desterritorialização causadas pela mineração e pelo rompimento da barragem? Como é possível reconstruir a memória coletiva, existir e resistir no território atingido?

Neste sentido, temos como pergunta norteadora para esse trabalho: “Qual a relação da imagem com o processo de territorialização da população atingida pelo rompimento da barragem de rejeito de minério de ferro da empresa Vale S.A. na cidade de Brumadinho-MG?”

Deste modo, pretende-se investigar como se dá a relação da imagem no processo territorialização da população atingida pelo rompimento da barragem da Vale em Brumadinho, visto que ao dar visibilidade aos elementos que fazem parte da construção identitária da população atingida é possível fortalecer a relação de pertencimento com seu território na medida em que se veem na imagem como pertencente à construção sócio-histórica do território atingido.

METODOLOGIA

O *corpus* será identificado como o montante de fotografias do recorte escolhido dos registros fotográficos a serem elaborados como atividade de campo da pesquisa, das quais serão selecionadas junto às pessoas atingidas participantes da pesquisa, as mais expressivas, por descreverem e darem visibilidade às práticas dos/as atingidos/as em seus territórios que geram ou fortaleçam a relação de pertencimento com os grupos e comunidade às quais se relacionam, ou seja, que expressem ou proporcionem a relação de pertencimento dos/as atingidos/as em seus territórios, diante de um contexto pós-desastre de rompimento de barragem.

Para a devida compreensão dos elementos constituintes da imagem a ser registrada, pretende-se submetê-las à narrativa fotográfica, a construção desta permitirá

interpretação dos registros fotográficos pela população atingida com base no roteiro de entrevista que permitirá uma análise e interpretação aprofundada sobre os modos de vida, manifestações culturais dentre outros elementos que constituem a construção identitária das pessoas atingidas no território.

O processo de elaboração das imagens, assim como o processo de construção do *corpus* da pesquisa e posterior identificação e análise das fotografias dar-se-á por meio de entrevistas aplicadas aos/as atingidos/as participantes da pesquisa.

As entrevistas auxiliarão na elaboração dos registros fotográficos, composição dos relatos e análise das fotografias, permitirão com isso, a compreensão e identificação dos seguintes elementos: a) Relação de pertencimento dos atingidos com o território diante de um contexto pós-desastre de rompimento de barragem; b) Relação da imagem nesse contexto; c) Elementos constituintes da construção identitária do território atingido, d) Elementos que fortalecem a relação de pertencimento da pessoa atingida com o território.

A reunião e organização dessas narrativas permitirá uma análise de conteúdo conforme concepção de Bardin (2011) a partir das fases sugeridas pela autora: inicialmente, será realizada uma *pré-análise* do material coletado (entrevistas transcritas e registros fotográficos) para a organização e sistematização do conteúdo a ser analisado. A preparação do material será realizada com a transcrição das entrevistas para uma leitura e interpretação do material, permitindo sua preparação para permitir a *exploração*, fase constituída pela identificação de adequação das respostas às perguntas propostas, que auxiliarão na construção das narrativas fotográficas. Ao longo da construção das narrativas será possível identificar as categorias propostas para a análise dos registros fotográficos. A partir de então, será possível o *tratamento e interpretação* dos dados com a sistematização destes com a composição das narrativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA

A produção de riscos ambientais e os deslocamentos forçados são consequências não somente do desastre de rompimento de barragem, mas da própria atividade minerária predatória que, além dos impactos físicos, provoca mudanças culturais e sociais, tornando as pessoas que foram atingidas, migrantes mesmo sem haver o deslocamento de forma física de seus territórios.

Neste ínterim, podemos compreender a importância da memória como elemento de garantia da coesão e sustentação para a identidade diante de eventos traumáticos como o desastre do rompimento da barragem da Vale em Brumadinho.

A fotografia pode captar e perpetuar os comportamentos, costumes e ações que constituem a identidade de um território, especialmente em contextos pós-desastres. Ela contribui para a preservação e visibilidade da memória coletiva, essencial para que a história e os direitos da população atingida não sejam esquecidos.

Além de documentar a tragédia, a imagem pode revelar as práticas sociais que resistem à expulsão e à desterritorialização, possibilitando um meio de reconstruir a memória coletiva e fortalecer a identidade dos atingidos com o território.

Deste modo, a pesquisa busca investigar como a fotografia pode auxiliar no processo de territorialização da população atingida de Brumadinho que, ao dar visibilidade aos elementos que constituem a identidade possibilitará o fortalecimento da relação de pertencimento da população atingida com seu território.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HAESBAERT, R. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, v. 9, n. 17, 8 fev. 2010. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13531>. Acesso em: 19 set. 2023.

ROMANOVSKY, L. M. Roman Jakobson: abordagem semiótica da fotografia como imagem narrativa da imigração judaica nas décadas de 30 e 40. In: **ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE**, 5., 2009, Campinas, SP. *Atas...* Campinas: UNICAMP, 2009. p. 362-369. Disponível em: <http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2009/ROMANOVSKY,%20Ludmila%20Menezes%20-%20VEHA.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2016.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: técnica, tempo, razão e emoção.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.